


O ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO EM EXPANSÃO

Maria Elisa Rodrigues Moreira*

 <https://orcid.org/0000-0002-2177-7762>

Como citar este artigo: MOREIRA, M. E. R. *O Atlas do corpo e da imaginação em expansão. Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-19, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLT16248

Submissão: 25 de setembro de 2023. **Aceite:** 7 de novembro de 2023.

Resumo: Neste artigo, partindo dos conceitos de “campo ampliado” e “expansão”, tal como discutido por Rosalind Krauss, Florencia Garramuño e Ana Kiffer, refletimos sobre o *Atlas do corpo e da imaginação*, de Gonçalo M. Tavares, em diálogo com um conjunto de imagens das redes sociais de Os Espacialistas, coletivo responsável pelas fotografias que integram o volume. O movimento de expansão característico do próprio livro parece ganhar novo fôlego ao percorrermos o *feed* do coletivo, quando encontramos uma série de imagens que possibilita novas conexões com o livro de Tavares.

Palavras-chave: Expansão. *Atlas do corpo e da imaginação*. Instagram. Fotografia. Gonçalo M. Tavares.

O pensamento válido é aquele que anda.
Os Espacialistas

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: maria.moreira@mackenzie.br

Em 1970, o pesquisador de mídias audiovisuais Gene Youngblood lançou o livro *Expanded cinema*, no qual apontava que o cinema de então vivenciava um movimento de ultrapassagem de seus limites mais tradicionalmente reconhecidos, passando a se valer tanto de outros formatos de produção quanto de circulação de suas obras. No final da mesma década, em 1979, a professora e crítica de arte Rosalind Krauss publicou o artigo “A escultura no campo ampliado”, em que a temática da expansão, dessa vez centrada na arte escultórica, mantinha-se em foco: a pesquisadora afirma no artigo que o rol das obras que, desde os anos 1960, eram identificadas como esculturas havia se alargado tanto que passava a ser preciso que a própria categoria se transformasse em algo “infinitamente maleável” (Krauss, 1984, p. 129). O desenvolvimento tecnológico e as novas possibilidades de criação artística ocorridos desde então provocaram, já nos anos 2000, uma ampliação nas discussões da própria terminologia associada a esse movimento de abertura e indefinição, em que, ao lado das ideias de expansão e ampliação, surgem outros termos semanticamente similares, como “inespecificidade” e “impertinência” (Garramuño, 2014), “pós-autonomia” (Ludmer, 2010), “fora de si” (Kiffer, 2014) e “mutação” (Miranda, 2014).

Todas essas expressões remetem, de algum modo, a uma ideia de movimento, de falta de fixidez, de deslimite. Afinal, como pontuam Ana Kiffer e Florencia Garramuño (2014, p. 7), “A estética contemporânea está habitada por uma série de práticas e intervenções artísticas que evidenciam um estendido sentido de transbordamento de limites e expansões de campos e regiões”, práticas essas que provocam não apenas “uma implosão do meio específico”, mas sobretudo “um profundo questionamento do ‘próprio’ enquanto definição estável e circunscrita de uma especificidade” (Kiffer; Garramuño, 2014, p. 12), seja esta referente ao meio ou ao próprio conceito de arte.

Essas questões são ainda potencializadas quando a elas aproximamos as mobilidades possibilitadas pelo diálogo com o tecnológico na contemporaneidade, em especial se o abordamos sob a perspectiva das redes, que tangenciam novas formas de produção, circulação e consumo dos mais diversos produtos culturais. Discutindo a questão no âmbito da literatura, a pesquisadora e crítica literária Katherine Hayles (2009) pontua que as mudanças provocadas pela literatura eletrônica sobre o literário em geral exigirão uma redefinição do próprio conceito de literatura, o que nos leva de volta ao texto de Krauss.

É nesse contexto, pois, que neste artigo nos propomos a refletir sobre os diversos processos de expansão que permeiam o *Atlas do corpo e da imaginação*, livro de Gonçalo M. Tavares, a começar pela publicação do livro impresso e chegando aos seus desbordamentos identificados nas redes sociais (em especial no Facebook e no Instagram) do coletivo Os Espacialistas.

O ATLAS, ESTE “ABRIDOR DO ESPANTO”¹

Em 2013, o escritor português Gonçalo M. Tavares publicou um de seus livros mais instigantes, o *Atlas do corpo e da imaginação*, com o qual reafirma algumas características marcantes de sua produção, tais como o desbordamento

¹ Idália Sá-Chaves (2013, p. 3), aproximando Gonçalo M. Tavares e Manoel de Barros com essa expressão, aponta para o *Atlas do corpo e da imaginação*.

constante dos gêneros literários, a rasura das fronteiras entre a literatura e outras artes e campos do conhecimento, a exploração do fragmento e a aproximação entre leitura e escrita.

Nesse livro em especial, esse movimento do pensamento característico da produção tavariana aparece incorporado na própria gênese do livro, assim como na estrutura por meio da qual é organizado. Tem-se como material central do volume algo que Gonçalo Tavares nomeia, na “Nota final” aposta ao livro, como “texto-base”: um denso e extenso material, de caráter prioritariamente ensaístico, que deriva da tese de doutoramento do autor, defendida em 2005 na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, sob o título *Corporeidade, linguagem e imaginação*.

Como bem destacou Idália Sá-Chaves (2013, p. 4), a tese em pauta “constitui um tratado epistemológico”,

[...] um estudo no âmbito da epistemologia das Ciências Sociais e Humanas, com enfoque nas Ciências da Motricidade Humana e cujo objectivo é aprofundar o conhecimento acerca do desenvolvimento do pensamento reflexivo, ou seja, da capacidade de pensar do ser humano. Nesse propósito e neste contexto, os conceitos de corporeidade e imaginação, sinalizadores da unidade biopsicológica do ser humano, constituem os núcleos centrais da investigação, que releva o papel determinante e a função epistémica da linguagem e da acção motora na estruturação identitária do ser na sua relação circunstancial com o mundo.

É a própria pesquisadora portuguesa quem destaca o movimento que permeia a gênese do que ela denomina a “coluna vertebral” do *Atlas*, ao apontar que este texto central, que conforma “o impulso gerador, a matriz conceptual e o discurso fundador” do livro, “se abre em infinitas saídas e em infinitas entradas que retomam, recolocam, discutem, ampliam e, portanto, enriquecem as formulações de partida tomadas, anteriormente, como questões de pesquisa” (Sá-Chaves, 2013, p. 5). Ou seja, o “texto-base” do *Atlas* se apresenta, ele mesmo, já como um desdobramento, uma vez que sofre “inúmeras alterações, cortes, etc.” (Tavares, 2013, p. 529) para que se torne uma das textualidades reunidas na composição do livro, uma textualidade que migra do ambiente acadêmico para aquele editorial, conduzida pelas mãos não mais do professor e pesquisador universitário Gonçalo Manuel Albuquerque Tavares, mas sim de um escritor reconhecido por público e crítica e responsável por uma produção, à altura, que contava cerca de 30 títulos.

Nesse movimento fundador do livro, já percebemos, portanto, um primeiro movimento expansivo, o qual é potencializado pela estrutura de organização do volume, que usa as margens desse “texto-base” para a ele agregar outras duas textualidades. A primeira delas consiste em um conjunto de aproximadamente mil imagens, impressas em preto e branco, produzidas pelo coletivo português Os Espacialistas, as quais estabelecem com o texto ensaístico um diálogo transversal. A segunda, de textos em formato de legendas, breves ou longas, escritas *a posteriori* pelo autor do livro, as quais acompanham as imagens e que, na maioria das vezes, geram mais questionamentos que esclarecimentos, apresentando-se em uma linguagem que transita entre o poético e o filosófico. Abordaremos cada uma dessas textualidades, num primeiro momento isoladamente, para depois refletirmos sobre as implicações de sua articulação para esse complexo *Atlas*.

Surgido em 2008 na Universidade Lusíada de Lisboa como “um projecto laboratorial de investigação teórica e prática das ligações entre Arte e Arquitectura”², o coletivo Os Espacialistas³, que vem desenvolvendo trabalhos em parceria com Gonçalo M. Tavares já há algum tempo, centra “os seus projectos na compreensão das relações espaciais, na transfiguração e na metamorfose do espaço corporalmente e simbolicamente habitado” (Os Espacialistas, 2012, p. 3), recorrendo para isso à criação de “esquissos fotográficos”, que funcionam não apenas como registro documental, mas também como “dispositivo de desenho, de pensamento, de percepção e de diagnóstico do espaço natural e construído”⁴. Suas ações contam, ainda, com duas ferramentas auxiliares: o “Diário do Espacialista” e o “Kit Espacialista (K.E.) Porta©til”.

A primeira dessas ferramentas é assim apresentada pelo coletivo no capítulo 1 do *Diário do Espacialista II Série*:

O presente manifesto/documento estabelece o regime conceitual de exercitamento do aparelho reproduzidor artístico humano responsável pelo aparecimento da vocação artística do espaço, a partir da criação/divulgação/desenvolvimento/prática quotidiana de estratégias conceptuais, artísticas e arquitectónicas de captura/intervenção/manipulação/intensificação dos espaços por onde passamos e permanecemos (Os Espacialistas, 2011, p. 1).

Inferimos⁵ que o *Diário do Espacialista* se trata, pois, de um documento em cuja parte inicial (capítulo 1) são apresentadas as premissas que norteiam as atividades do coletivo; além do artigo 1, aqui reproduzido, encontram-se ali outros quatro artigos, que abordam a “Definição de Espacialista” (artigo 2), a “Definição de Exercício de Espaço” (artigo 3) e “Os desenhos/esquissos fotográficos” (artigo 4). Complementa o primeiro capítulo um quadro informativo a respeito do “Kit Espacialista (K.E.) (Porta©til)”, ao qual voltaremos em breve. Conforme indica um de seus integrantes, Luis Baptista, em entrevista disponibilizada no canal do YouTube da Esec TV, “o *Diário do Espacialista* é uma tentativa de regular, de alguma maneira, nossas ações. Então começam a aparecer uma série de regras, de pequenas leis que nós começamos por chamar de artigos”⁶. Essa primeira parte do documento é acrescida pelos registros textuais e imagéticos dos diversos projetos realizados pelo coletivo: no *Diário do Espacialista I Série AA*, por exemplo, acompanhamos os materiais da ação “Os Espacialistas no Quiosque”, ocorrida na cidade de Paredes, em Portugal, em 2012.

2 Informações disponíveis em: <http://cargocollective.com/Lusíada30anosArquitectura/OS-ESPACIALISTAS>. Acesso em: 9 set. 2022.

3 Inicialmente composto por quatro arquitetos – Luis Baptista, João Cerdeira, Diogo Castro e Sérgio Serol –, docentes ou egressos da Universidade Lusíada de Lisboa, ao longo dos anos Os Espacialistas passaram a contar com participações diversificadas em cada um de seus projetos, o que os levou a inserir nos textos a respeito do grupo a seguinte afirmação: “Nós somos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, ∞”.

4 Informações disponíveis em: <http://bocabiennial.org/evento/conversas-online-os-espacialistas/>. Acesso em: 9 set. 2022.

5 Tivemos acesso a apenas dois números do *Diário do Espacialista* em sua integralidade. No entanto, na página do coletivo no Facebook, é possível encontrar reproduções de algumas páginas que indicam ter havido outros números: *Diário do Espacialista I Série Número (-I)*, de 22 de abril de 2008; *Diário do Espacialista II Série Número (1)*, de julho/agosto de 2010; *Diário do Espacialista I Série AA Número (2)*, Suplemento, de 1º de abril de 2013; *Diário do Espacialista I Série AA Número (6)*, de 15 de setembro de 2016. Nas edições que pudemos percorrer, a parte inicial, ainda que tenha pequenas variações, é dedicada à apresentação dos artigos em que se conceitua o projeto.

6 A entrevista está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ep2FXapTR_E. Acesso em: 9 set. 2022.

Domingo, 2 de Dezembro de 2012

Número (2)
I
S É R I E
A A



S U M Á R I O	
Os Espacialistas no Quiosque	
P A R T E A	
CAPÍTULO (1)	
E. ART. 1: Objeto / Conceito.....	003
E. ART. 2: Definição de Espacialista.....	003
Definição de Kit Espacialista.....	004
E. ART. 3: Definição de Exercício de Espaço.....	005
E. ART. 4: Manifestação "Os Desenhos Fotográficos".....	005
CAPÍTULO (2)	
Quiosque de Entrada.....	006
Quilô.....	006
Proibido passar o veículo.....	005
PMA.....	006
Os Espacialistas na Feira.....	004
Os Espacialistas no Combê.....	000
CAPÍTULO (3)	
As Cidades Primárias de Paradas.....	007
PUM.....	008
CAPÍTULO (4)	
Quiosque de Saída.....	008
Palavra-chave.....	000

Nota: Nessa imagem, observamos tanto a indicação do capítulo 1, destinado à apresentação da proposta de trabalho do coletivo, quanto dos capítulos 2, 3 e 4, que tratam em específico da intervenção destacada.

Figura 1 – Capa do *Diário do Espacialista I Série AA*

Fonte: Os Espacialistas (2012, p. 1).

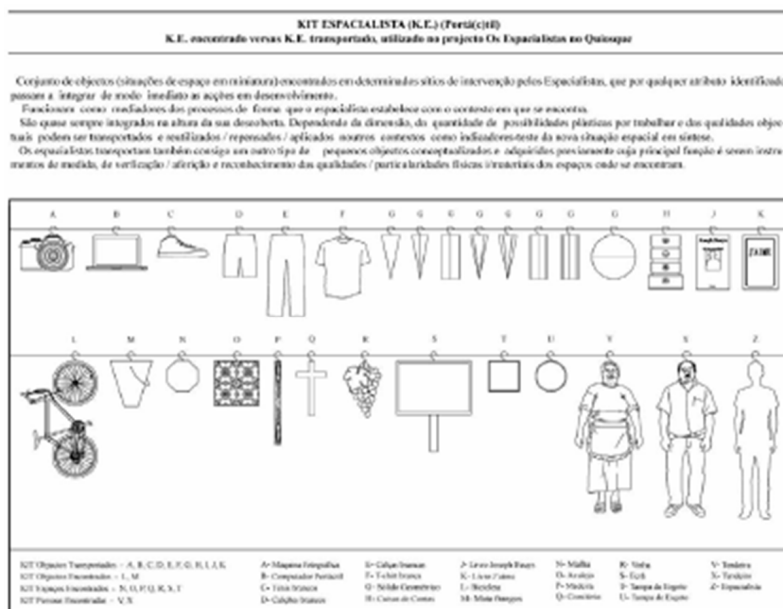
O “Kit Espacialista (K.E.) Porta©til”, por seu turno, é definido a partir de dois eixos principais: de um lado, o *K.E. encontrado*, que corresponde ao

[...] conjunto de objetos (situações de espaço em miniatura) encontrados em determinados sítios de intervenção pelos Espacialistas, que por qualquer atributo identificado passam a integrar de modo imediato as ações em desenvolvimento (Os Espacialistas, 2011, p. 2);

de outro, o *K.E. transportado*, que consiste em

[...] um outro tipo de pequenos objectos conceptualizados e adquiridos previamente cuja principal função é serem instrumentos de medida, de verificação/ aferição e reconhecimento das qualidades/particularidades físicas i/materiais dos espaços onde se encontram (Os Espacialistas, 2011, p. 2).

O *kit*, assim, será necessariamente variável de acordo com cada projeto, e isso se reflete no *Diário do Espacialista*, que, junto às definições aqui mencionadas, costuma trazer também uma ilustração que particulariza o K.E. Porta©til de cada intervenção do coletivo.



Nota: Nessa imagem, observamos no texto a descrição do K.E. Porta©til, e no diagrama, o K.E. específico utilizado no projeto “Os Espacialistas no Quiosque”.

Figura 2 – Kit Espacialista (K.E.) Porta©til

Fonte: Os Espacialistas (2012, p. 4).

É importante destacar, ainda, os chamados “esquissos fotográficos” e a relação que o coletivo irá estabelecer com as imagens produzidas por seus integrantes – afinal, são essas imagens que irão, posteriormente, integrar o *Atlas do corpo e da imaginação*. Conforme aponta o artigo 4 do Diário do Espacialista, em suas intervenções o grupo substitui o lápis pela câmera fotográfica, desenhando fotografias que buscam, antes de tudo, “fazer aparecer a real/ideal vocação do espaço que estão a manipular/com que estão a interagir e a fazer/obrigar a aparecer”, criando imagens que “são pensamentos instantâneos, intuições previstas ou pressentidas, oportunidades de assimilação, comprovação, redescoberta e aprofundamento de conhecimentos anteriores (esquecidos ou não)” (Os Espacialistas, 2012, p. 5).

É bastante esclarecedora a declaração de Luis Baptista a respeito das imagens em vídeo produzido no contexto do *workshop* realizado pelo coletivo em colaboração com o arquitecto japonês Tadashi Kawamata no BoCA Summer School 2018:

As imagens dos Espacialistas têm essa função de escrita também, ou seja, a forma como nós normalmente construímos as narrativas de imagem, elas têm quase um sentido literário, porque elas dependem umas das outras para construir frases, e constroem um sistema linguístico que está associado às próprias realizações que se desenharam a partir dos gestos. Por isso as imagens dos Espacialistas são antes de tudo desenhos que têm essa capacidade [...]. Todo o processo de escrita passa pela linguagem, neste caso, e uma linguagem que

*pode ser literária, daí os encontros muitas vezes literários que temos tido até com Gonçalo M. Tavares, que vem de alguma maneira fortalecer essa relação com a imagem, de facto, a imagem enquanto caracter, a imagem enquanto síntese de uma ideia que a determinada altura é guardada, e que de repente vale por si, mas ao mesmo tempo vale como parte de um texto maior [...]*⁷.

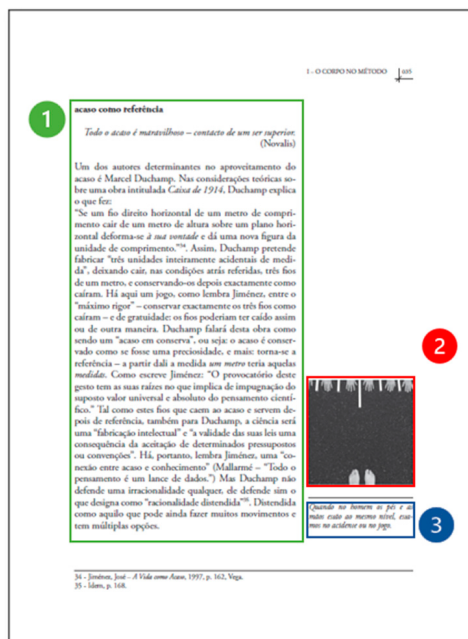
Apesar de extensa, essa apresentação d’Os Espacialistas é fundamental para se compreender como essa segunda textualidade que compõe o *Atlas*, as cerca de mil imagens do coletivo, refere-se também às expansões de projetos anteriores que atravessam os espaços em que foram inicialmente produzidas para adentrar as páginas de um livro, em que perdem as cores e suas referências originais, uma vez que não há na publicação indicação de seus processos de criação. São, também, narrativas outras, desenvolvidas com esse lápis que é a câmera fotográfica e que, ao se juntarem aos demais textos do *Atlas*, se ressignificam.

A esse duplo material, “texto-base” e imagens, acresce-se, por fim, a terceira textualidade mencionada: as legendas elaboradas por Gonçalo M. Tavares (2013, p. 529), as quais, em suas próprias palavras, “formam com as imagens um livro paralelo que, ao mesmo tempo, cruza o texto-base”. O entendimento geral da função de uma legenda, se recuperarmos duas de suas definições dicionarísticas – a legenda é um “Pequeno texto, geralmente descritivo ou explicativo, que se coloca logo abaixo das ilustrações ou fotografias a que se refere” ou é composto por “Dizeres explicativos ou letreiros acima, abaixo ou à margem de um desenho, diagrama, planta etc., ou neles inscritos” (Michaelis, 2022) –, associa-se ao esclarecimento: espera-se que as legendas descrevam ou expliquem as imagens às quais se referem, que orientem o leitor quanto à compreensão daquele material de caráter visual. No entanto, no *Atlas*, as legendas parecem antes acentuar a polissemia das imagens.

Na Figura 3, reproduzimos uma das páginas do *Atlas* para entendermos um pouco melhor esse movimento de expansão e, simultaneamente, de abertura dos sentidos que envolve o livro de Gonçalo M. Tavares: vemos, no centro da página, no retângulo verde, o texto-base derivado da tese do autor. Nessa página, inicia-se um subtópico intitulado “acaso como referência”, que integra a parte I do livro, “O corpo no método”, em sua seção 1.1, “Espanto e fragmento”⁸. Tem-se, pois, o acaso como tema central da página, o qual é mobilizado no texto-base pelo diálogo com poetas, artistas e filósofos convocados em epígrafes, menções ou citações e cujo desenvolvimento por Tavares (2013, p. 35, grifos do autor) caminha na direção da “medida”: “o acaso é conservado como se fosse uma preciosidade, e mais: torna-se a referência – a partir dali a medida *um metro* teria aquelas *medidas*”. O texto-base da página (assim como o subtópico “acaso como referência”) é finalizado com o estabelecimento de uma ligação entre acaso e conhecimento e com a retomada do que Marcel Duchamp chamaria de “racionalidade distendida”.

7 Depoimento disponível em: <http://bocabienal.org/evento/conversas-online-os-especialistas/>. Acesso em: 9 set. 2022.

8 Um aspecto interessante da organização do *Atlas do corpo e da imaginação*, mas sobre o qual não será possível nos aprofundarmos neste artigo, diz respeito ao modo como seu texto é subdividido em seções e capítulos. As mais de 500 páginas do livro estão organizadas em quatro grandes seções – I. O corpo no método; II. O corpo no mundo; III. O corpo no corpo; e IV. O corpo na imaginação –, que, por sua vez, se subdividem em subseções – a parte I conta três seções; a parte II, quatro; a parte III, quatro; e a parte IV, três –, as quais também se subdividem, o que faz com que o texto conte com cerca de 400 partições, reforçando o caráter fragmentário que aparece em seu subtítulo – “Teoria, fragmentos e imagens” – e sua potência como “abridor de espantos”. Para que tenhamos uma noção da dimensão dessas partições, apenas o sumário do livro ocupa 13 páginas.



Nota: Nessa imagem, destacamos: (1) o texto central; (2) as imagens; e (3) as legendas.

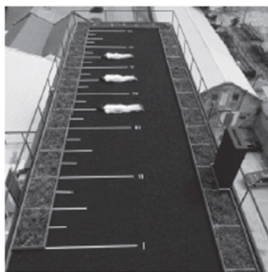
Figura 3 – Página de *Atlas do corpo e da imaginação*

Fonte: Tavares (2013, p. 35).

Acompanhando o texto-base, em suas margens, encontramos, destacada pelo retângulo vermelho, uma das imagens do coletivo *Os Espacialistas*: no que parece um solo de asfalto, vemos, na parte superior da fotografia, seis mãos (uma delas enquadrada apenas parcialmente), separadas umas das outras pelo que parecem ser pedaços de ferro ou madeira, alinhados entre si, à exceção daquele que compõe o ponto central do quadro (e separa três mãos para cada lado), que se estende mais em direção à parte inferior da imagem; a parte central da imagem está vazia; e, na parte inferior, vemos dois pés, enquadrados apenas do meio para a ponta dos dedos, alinhados de forma centralizada às mãos da parte superior, de modo que o pedaço de ferro ou madeira parece separar também os dois pés, ainda que não os alcance. Guiados pelo texto-base ao qual a imagem está aposta, tendemos a traçar nós também uma ligação entre a imagem e a medida, a qual é reforçada se observarmos as imagens que compõem as páginas imediatamente anteriores e sequenciais do livro (Figura 4), nas quais o caráter de medição se torna mais marcante pelo uso das imagens integrais de corpos humanos e de marcações numéricas nas linhas construídas com os pedaços de ferro ou madeira. As legendas contribuem para essa leitura: ainda que na legenda que acompanha a imagem destacada na Figura 1 não haja qualquer menção explícita à ideia de medida (a legenda afirma: “Quando no homem os pés e as mãos estão ao mesmo nível, estamos no acidente ou no jogo”, o que nos remete mais à discussão acerca do acaso), nas legendas que acompanham as demais fotografias destacadas são mencionadas uma régua e uma fita métrica.



*(O espaço desportivo é uma régua.)
Fazer exercício físico dentro de uma régua com numeração romana dá a sensação de se fazer exercício físico antigo, como se o corpo recuasse na História. Com os braços, dentro da fita métrica, fazer o sinal da cruz.*



*A régua gigante.
(Uma cidade tem medidas maiores do que o corpo humano.)
Medir o corpo humano pela cidade. A cidade como régua, instrumento de medida.*

A fita métrica está numerada com numeração romana. Poderemos pensar numa fita métrica antiga que mede com os antigos números. Mas também podemos dizer que os antigos números ocupam o mesmo espaço que os números actuais. E isso é visível quando se utiliza uma régua gigante com numeração romana. Trata-se, portanto, neste exercício, de contar o número de flexões que cada atleta faz dentro do espaço de uma régua.

Legenda: Imagens e legendas situadas, respectivamente, nas páginas 34, 36 e 37 do livro.

Figura 4 – Imagens associadas à régua e à fita métrica

Fonte: Tavares (2013, p. 34, 36-37).

Esse breve exemplo nos possibilita perceber os movimentos de leitura que o *Atlas* propicia aos seus leitores – e, por vezes, demanda deles –, que precisam transitar entre as três textualidades que o compõem, mas também, muitas vezes, necessitam direccionar-se para além delas, extrapolando os limites das páginas do livro para tentar desvendar suas múltiplas camadas de sentido.

O ATLAS EM TERRITÓRIO VIRTUAL

É na busca por entender um pouco mais sobre as imagens de “medição” presentes na página do *Atlas*, reproduzida na Figura 3, que abandonamos as páginas do livro e os documentos digitais d’Os Espacialistas a que conseguimos acesso e nos deslocamos para o ambiente virtual, para as páginas da internet. Não há muitos canais de informações associados a Gonçalo M. Tavares: ainda que seja um escritor bastante presente na mídia, como se pode perceber pelas inúmeras entrevistas encontradas *online*, praticamente inexistem páginas oficiais a ele

associadas. Encontramos um *site* (<http://www.goncalomtavares.com/>), que, no entanto, nos direciona para um *blog* (<http://goncalomtavares.blogspot.com/>), cuja última entrada data de 20 de junho de 2020. Mesmo antes disso, no entanto, existem poucas informações – a maior parte delas concentrada nas traduções de seus livros para outros idiomas ou na republicação de alguma nota crítica sobre sua obra. Nas redes sociais aqui discutidas, Facebook e Instagram, também não existem perfis públicos do escritor.

Entretanto, a situação muda bastante em relação a Os Espacialistas: ainda que não haja uma página oficial (o *link* osespacialistas.com apenas remete ao e-mail do grupo), o coletivo é bastante ativo no Facebook e no Instagram (@os_espacialistas), com perfis nos quais é possível recuperar uma gama de informações e materiais sobre sua produção. Identificamos, por exemplo, na página do Facebook do grupo, que as imagens aqui reproduzidas foram realizadas em 2011, em Lisboa, no âmbito do projeto “O Piscocenho”, destinado à residência artística Red Bull House of Art (Figura 5).



Legenda: Imagem que reproduz a página de apresentação do projeto “O Piscocenho”. As fotografias reproduzidas no livro de Gonçalo M. Tavares podem ser encontradas no Tumblr do grupo, em que era feita uma atualização diária do projeto (opiscocenhododia.tumblr.com).

Figura 5 – O Piscocenho

Fonte: Página do Facebook de Os Espacialistas⁹.

Descobrimos, nessa leitura expandida, que o espaço utilizado na composição das fotografias faz parte do K.E. encontrado pelo coletivo, como indicam as imagens, sem qualquer intervenção, nos registros D.I.A. 82 e D.I.A. 83 do diário de atualização do projeto no Tumblr.

⁹ A imagem está disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1217383981624666&set=a.1217376548292076>. Acesso em: 11 set. 2022.

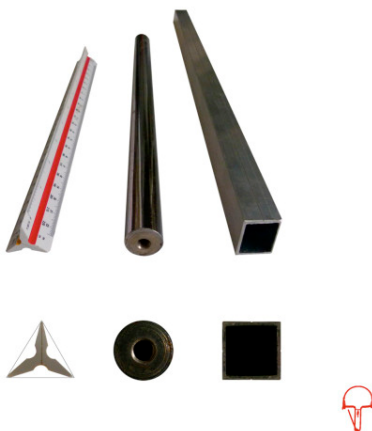


Legenda: “D.I.A. 82 – Kit dos espaços encontrados. Sul.” e “D.I.A. 83 – Kit dos espaços encontrados. Norte”. O espaço em questão é utilizado para a composição de diversas fotografias, entre as quais aquelas inseridas no *Atlas do corpo e da imaginação*, apresentadas nas figuras 3 e 4.

Figura 6 – Kit dos Espaços Encontrados

Fonte: Tumblr “O piscocenho do dia”, de Os Espacialistas¹⁰.

No dia 79, conhecemos o que eles nomeiam “Unidades geométricas de medi(a)ção imaginária do espaço e do corpo” e identificamos ali as barras de ferro usadas nas fotografias em questão.



Legenda: D.I.A. 79 – Unidades geométricas de medi(a)ção imaginária do espaço e do corpo: as barras de ferro com pontas quadradas são utilizadas como marcadores na construção das fotografias destacadas nas figuras 3 e 4.

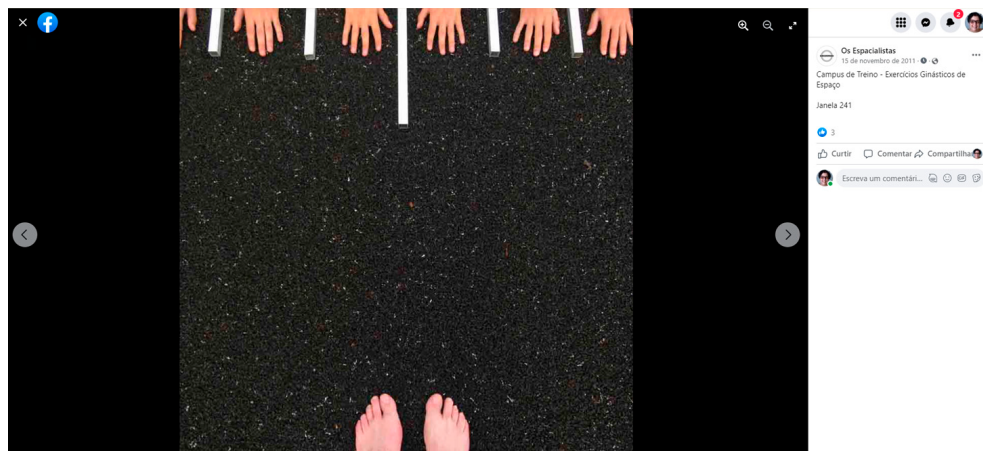
Figura 7 – Unidades geométricas de medi(a)ção imaginária do espaço e do corpo

Fonte: Tumblr “O piscocenho do dia”, de Os Espacialistas¹¹.

¹⁰ Disponíveis, respectivamente, em: <https://opiscocenhododia.tumblr.com/post/13132104916/dia-82-kit-dos-espacos-encontrados-sul> e <https://opiscocenhododia.tumblr.com/post/13161315178/dia-83-kit-dos-espacos-encontrados-norte>. Acesso em: 16 set. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://opiscocenhododia.tumblr.com/post/12976267922/dia-79-unidades-geomtricas-de-media-cao-imaginaria-do-espaco-e-do-corpo>. Acesso em: 16 set. 2022.

Continuamos percorrendo o Tumblr “O piscocenho do dia”, mas não encontramos as imagens que foram utilizadas no livro, apesar de indicações de sua vinculação ao projeto em questão. Retornamos, então, ao Facebook, onde encontramos o álbum “Os Espacialistas e o Piscocenho’ na Red Bull House of Art”, em que identificamos diversas imagens distintas daquelas encontradas no Tumblr. Entre elas, localizamos a imagem presente na Figura 1 e informações de que foi produzida no dia 15 de novembro de 2011, mas postada no Facebook apenas em 3 de novembro de 2012, acompanhada pelo texto “Campus de Treino – Exercícios Ginásticos de Espaço. Janela 241”.



Legenda: “Campus de Treino – Exercícios Ginásticos de Espaço. Janela 241”: a imagem, disponível no Facebook do coletivo, foi utilizada no *Atlas do corpo e da imaginação*.

Figura 8 – Campus de treino

Fonte: Página do Facebook de Os Espacialistas¹².

Das três imagens presentes na Figura 2, foram postadas apenas – e na mesma data – aquelas publicadas no *Atlas* nas páginas 36 e 37, com as seguintes inscrições textuais: “Campus de Treino – Exercícios Ginásticos de Espaço. Janela 31”, “Campus de Treino – Exercícios Ginásticos de Espaço. Janela 30” e “Campus de Treino – Exercícios Ginásticos de Espaço. Janela 305”.

Esse breve percurso traçado pelo território virtual d’Os Espacialistas revelou um espaço repleto de “infinitas saídas” e “infinitas entradas”, para recuperar as expressões de Idália Sá-Chaves (2013), um território potencialmente infinito¹³ em que se reforçam, embatem e dialogam Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas. Uma vez que o elemento central deste artigo é a reflexão sobre o *Atlas do corpo e da imaginação*, associada às possibilidades de pensá-lo sob as lentes da chamada literatura expandida, tomamo-lo aqui como o “instrumento de medida” a partir do qual vamos considerar as imagens encontradas, e selecionamos desse

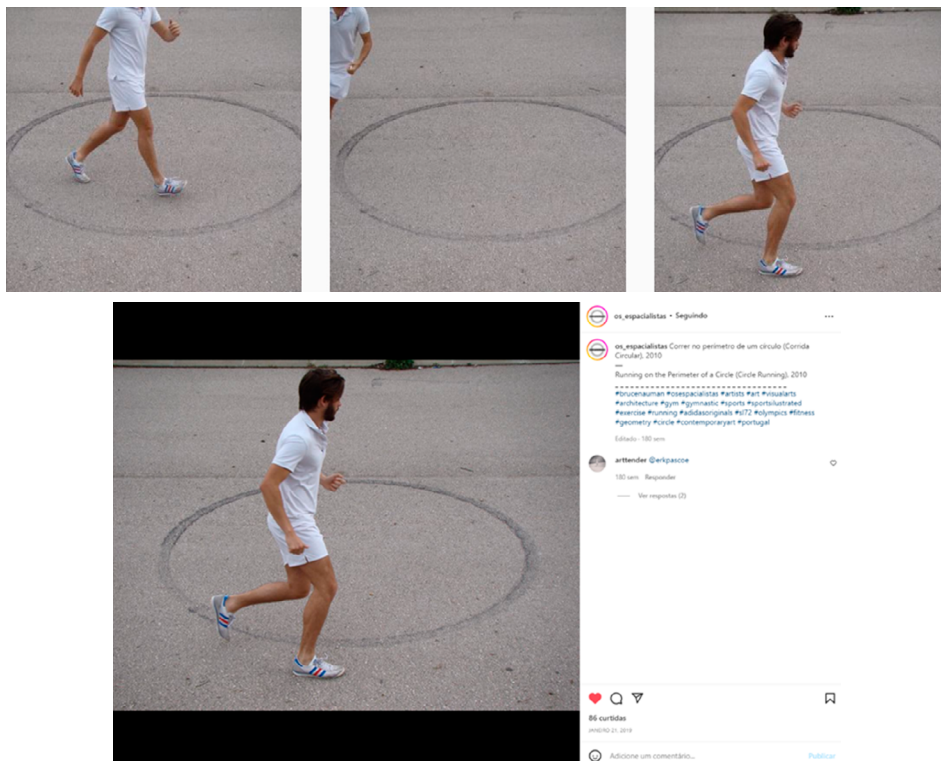
¹² A imagem está disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=532241736805564&set=a.532236930139378>. Acesso em: 11 set. 2022.

¹³ Ainda que matematicamente seja possível apontar os limites desse território virtual, as possibilidades de percurso que ele enseja são tantas e tão diversificadas que se provoca o que chamamos, em outra reflexão, de um “efeito de infinito” (Moreira, 2019), tal como aquele sobre o qual reflete Jorge Luis Borges (2011, p. 127) ao abordar o título “As mil e uma noites”: “Desejo deter-me no título. É um dos mais belos do mundo [...]. Creio que ela [a beleza] está no fato de que para nós a palavra ‘mil’ é quase sinônima de ‘infinito’. Dizer mil noites é dizer infinitas noites, as muitas noites, as inúmeras noites. Dizer ‘mil e uma noites’ é acrescentar uma ao infinito”.

material imagens que categorizamos em dois distintos grupos, que nos permitiram estabelecer uma reflexão inicial sobre as relações entre o livro impresso e seus desdobramentos digitais.

O primeiro desses grupos corresponde a uma série de imagens utilizadas no livro, as quais podem ser recuperadas no *feed* do coletivo sem qualquer menção explícita que atualize os leitores sobre esse seu uso posterior, como no caso das imagens discutidas há pouco. Sua presença no *feed* é geralmente acompanhada por legendas constituídas de textos autorais ou, em casos mais raros, de citações breves de outros autores.

Um exemplo é a série de três imagens postadas, respectivamente, nos dias 21, 22 e 23 de janeiro de 2019, que aparecem sequencialmente no *feed*. Ao abrirmos cada uma das imagens, vemos um título, em português e inglês, um ano, que supomos ser o de criação da foto, e uma lista de *hashtags*. As duas primeiras fotos trazem o mesmo título – “Andar de forma exagerada dentro da área de um círculo, 2010” –, ao passo que a terceira traz a inscrição “Correr no perímetro de um círculo (Corrida circular, 2010)”. A relação entre imagem e texto é traçada por nós, leitores, a partir dessas breves indicações.



Legenda: Conjunto de fotografias do coletivo Os Espacialistas, disponível em seu Instagram e posteriormente utilizado no *Atlas do corpo e da imaginação*.

Figura 9 – *Feed d'Os Espacialistas no Instagram*

Fonte: Perfil do Instagram de Os Espacialistas¹⁴.

14 A imagem está disponível em: https://www.instagram.com/os_especialistas/. Acesso em: 17 set. 2022.

No *Atlas*, ao contrário disso, essas imagens aparecem na composição de uma página, com distinta distribuição, acompanhadas por três distintas legendas e pelo texto ensaístico que dá a base do trecho, intitulado “geometria, pensamento”, um subtítulo da subseção “1.1 Espanto e fragmento”, que integra a seção “1. O corpo no método”.

030 | 1.1 – ESPANTO E FRAGMENTO



1. correr em redor de um espaço
2. entrar no espaço
Basta traçares uma circunferência no chão e passares, de imediato, a existir dois espaços – o de dentro e o de fora. E um limite. E com o limite, leis distintas.
Um, dois. Dentro, fora. Eis como tudo começa. E nem sempre o que começa é bom.

“– Aqui, Texto? Sentado?” Mas o Texto talvez não seja um animal tão doméstico como parece.

geometria, pensamento

Separadas como coisas separadas pelo sim e pelo não, estão as coisas que existem no interior e no exterior. Dependendo do ponto de vista: do ponto onde estamos e do ponto onde estão as coisas que observamos, dizer dentro ou fora é dizer sim ou não. Sim ou não são pois palavras que exprimem indirectamente medidas, distâncias. O Sim aproxima, diminui a distância, diz que estamos perto; o Não afasta, determina uma distância maior. De facto, o Sim e o Não quase podem medir-se com uma régua, são medidas de uma geometria da linguagem, de um desenho verbal que exprime um dentro e um fora.

17 - Llanos, María Gabriela. *Andreas Tzavos Joshua*, 1998, p. 59, *Relatório d'Água*.

1 – O CORPO NO MÉTODO | 031

Bachelard explica de uma outra forma: “Os lógicos traçam círculos que se sobrepõem ou se excluem, e logo todas as suas regras se tornam claras. O filósofo, com o interior e o exterior, pensa o ser e o não-ser.”¹⁸ O que entendemos está dentro e o que não entendemos está fora. *Compreender é passar para dentro*, não compreender é empurrar para fora ou manter lá fora. A compreensão intelectual é uma compreensão física; com medidas de proximidade ou afastamento. E neste sentido distinguimos melhor o ser, o que existe, do que o que não existe; compreendemos melhor o que tem volume do que o que não ocupa espaço e nem tem mapa que o localize. *Compreender é localizar*.¹⁹

O pensamento define espaços e é definido por espaços; o pensamento lógico separa e aproxima, inclui e afasta. Funciona como uma estrutura que gere territórios, um proprietário ou um legislador que permanentemente diz: isto está dentro, *pertence a*, e isto está fora, *não pertence a*. E a questão do desenho é fundamental: o pensamento deve desconfiar daquilo que não se pode desenhar; a impossibilidade de desenho, a manifestação de um *indezível*, é um desvio para o abstracto. Pelo contrário, aquilo que existe pode ser desenhado, mesmo que não seja facilmente localizável pelos olhos.

“Tudo se desenha, mesmo o infinito”, escreve Bachelard. A importância dada ao *aqui e ali* toma assim uma dimensão desmoldada: “Muitas metafísicas exigem uma cartografia.” Falamos do desenho não geométrico, pois este é como um desenho *ornado*, um desenho com medidas certas, um desenho *previsível*. Desenhar um raciocínio capaz de fazer traços visíveis que exprimam *desenhos heterodoxos*, desenhos cujo marcar de uma certa linha num certo instante não permita a previsão certa do próximo passo. Um pensamento e uma linguagem cujos primeiros passos sorram de imediato visível o segundo, o terceiro, até ao último, é um pensamento que não precisa de se desenvolver, pois é previsível: o princípio passo anula a força de todos os outros.



Correr em redor de uma circunferência.



18 - Bachelard, Gaston. *A Poética do Espaço*, 1996, p. 216, Martins Fontes.

19 - Bachelard lembra o clássico insulto daquele que não compreende: “Tu não compreendes, portanto voçô não idêntica.” (Barthes, Roland. *Museus*, 1997, pp. 53-3, Edições 70)

Legenda: Página dupla do *Atlas do corpo e da imaginação*.

Figura 10 – Páginas de *Atlas do corpo e da imaginação*

Fonte: Tavares (2013, p. 30-31).

Na página à esquerda, vemos duas imagens, acompanhadas pela seguinte legenda:

1. correr em redor de um espaço
2. entrar no espaço

Basta traçares uma circunferência no chão e passares, de imediato, a existir dois espaços – o de dentro e o de fora. E um limite. E com o limite, leis distintas.

Um, dois. Dentro, fora. Eis como tudo começa. E nem sempre o que começa é bom (Tavares, 2013, p. 30).

Na página da direita, outras duas imagens, sendo que a segunda delas não aparece no tríptico publicado no Instagram. A primeira delas traz a legenda: “Correr em redor de uma circunferência” (Tavares, 2013, p. 31). A segunda, uma seta que lhe é perpendicular.

No texto-base, o escritor discorre sobre a vinculação do sim e do não com o interior e o exterior e, conseqüentemente, com medidas e distâncias. Ele aborda a definição do espaço e a geração de pertencimentos ou não:

O pensamento define espaços e é definido por espaços; o pensamento lógico separa e aproxima, inclui e afasta. Funciona como uma estrutura que gere territórios, um proprietário ou um legislador que permanentemente diz: isto está dentro, pertence a, e isto está fora, não pertence a (Tavares, 2013, p. 31).

É todo esse conjunto de informações que se desdobra nas postagens do Instagram: se ainda percebemos ali a vinculação com o espaço e o limite, as legendas que as acompanham apontam também para outras questões, vinculadas com o ritmo, a velocidade, a intensidade, funcionando como uma expansão tanto material quanto reflexiva do livro em que estavam inseridas anteriormente.

O segundo grupo de imagens que destacamos nas redes sociais remete diretamente ao *Atlas do corpo e da imaginação*, o livro publicado, e a Gonçalo M. Tavares. Apontamos como exemplos, nesse grupo, dois tipos de imagens: 1. convites para uma conferência-performance do duo, que pelo título e pela legenda descritiva nos levam a conhecer outro desdobramento desse livro, efêmero, do qual talvez não tivéssemos nenhum registro para além das redes sociais (Figura 11); e 2. outra obra, intitulada *Atlas do corpo e da imaginação em exposição*, primeira incursão do duo no âmbito das exposições artísticas, realizada em 2021 (Figura 12).

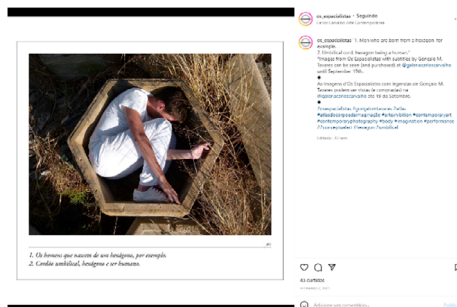
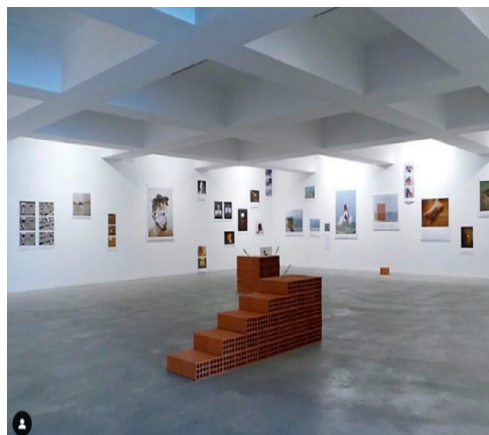


Legenda: Divulgação da conferência-performance *Atlas do corpo e da imaginação ao vivo*, realizada por Gonçalo M. Tavares e Os Especialistas no dia 10 de março de 2020.

Figura 11 – *Atlas do corpo e da imaginação ao vivo*

Fonte: Perfil do Instagram de Os Especialistas¹⁵.

¹⁵ A imagem está disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9aCnnYpUOV/>. Acesso em: 17 set. 2022.



Legenda: À esquerda, foto panorâmica da exposição *Atlas do corpo e da imaginação em exposição*; à direita, detalhe de uma das obras expostas.

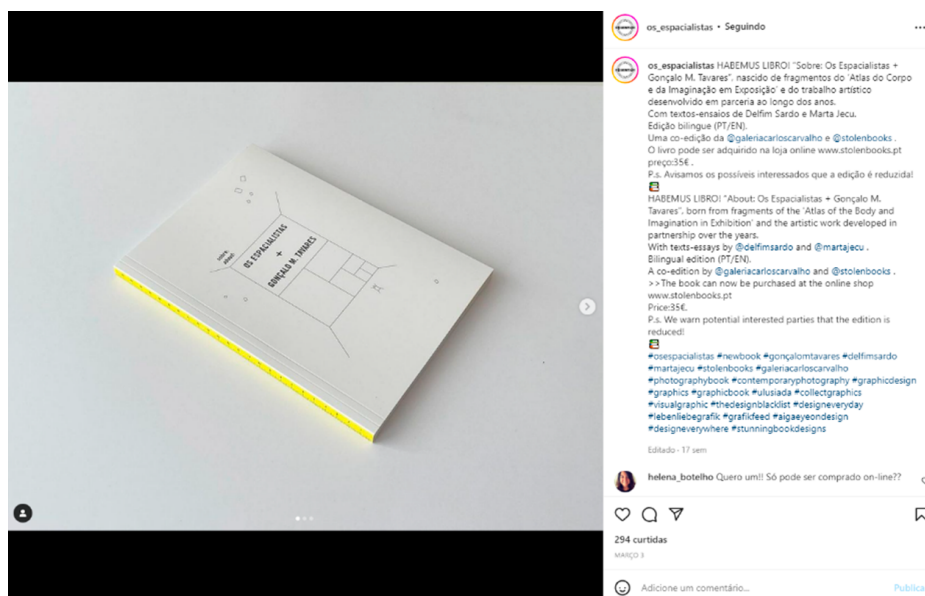
Figura 12 – *Atlas do corpo e da imaginação em exposição*

Fonte: Perfil do Instagram de Os Espacialistas¹⁶.

Para esta exposição, foram impressos cartazes amplos, com imagens coloridas, que trazem legendas de Gonçalo M. Tavares utilizadas no livro, mantendo-se inclusive a indicação da página em que se encontram. O texto de Tavares, aqui, migra de um espaço físico, a página do livro, para outro, o cartaz, que, por sua vez, é replicado no espaço digital por meio da postagem do grupo, agregando novas camadas significantes a essa imagem e sua legenda, desvinculadas do texto-base e inseridas em um novo conjunto de informações.

O movimento, no entanto, não parou por aí: essa exposição motivou outro livro impresso (Figura 13), e, nesse caso, os movimentos expansivos se dão tanto pela disseminação de informações diferentes quanto pela geração de novos produtos, sejam eles impressos ou performáticos.

¹⁶ As imagens estão disponíveis, respectivamente, em: <https://www.instagram.com/p/CQTKwbCslyZ/> e <https://www.instagram.com/p/CTHzLjLsFT6/>. Acesso em: 17 set. 2022.



Legenda: Fotografia de divulgação do livro *Os Espacialistas + Gonçalo M. Tavares*.

Figura 13 – *Os Espacialistas + Gonçalo M. Tavares*

Fonte: Perfil do Instagram de Os Espacialistas¹⁷.

“O PENSAMENTO VÁLIDO É AQUELE QUE ANDA”

Corpo e imaginação, como esperamos ter conseguido discutir neste ensaio, são postos em movimento por Gonçalo M. Tavares e pel’Os Espacialistas: palavras, desenhos, fotografias, todos são pensamentos que andam entre o texto e a imagem, desde as mais de 500 páginas e mil imagens que compõem o *Atlas* – ele próprio um texto único, três textos distintos interligados, e tantos outros dele desdobrados, se lembrarmos as palavras de Tavares sobre o livro paralelo gerado a partir da relação entre as fotografias e suas legendas – até os códigos numéricos que orientam o universo digital em que estão imersos Os Espacialistas. É em nosso trânsito, como leitores, pesquisadores, críticos, que estabelecemos contato com esses pensamentos, que nos colocamos a andar com eles, que traçamos ligações com o coletivo, com o escritor português e com tantos outros pontos de contato que nos são possibilitados por esses materiais; é esse o movimento expansivo do *Atlas* que nos conduz do livro impresso para o território digital, do preto e branco para as cores, permitindo que ressignifiquemos essa obra que se configura como um universo textual em expansão, com diversas entradas e saídas possíveis.

¹⁷ A imagem está disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cap1dOzMyz7/>. Acesso em: 17 set. 2022.

ATLAS OF THE BODY AND IMAGINATION IN EXPANSION

Abstract: In this article, based on the concepts of “expanded field” and “expansion” as discussed by Rosalind Krauss, Florencia Garramuño, and Anna Kiffer, we reflect on *Atlas do corpo e da imaginação* [*Atlas of the body and imagination*], by Gonçalo M. Tavares, dialoguing with a set of images from the social media accounts of Os Espacialistas, the collective responsible for the photographs included in the volume. The characteristic movement of expansion within the book itself seems to gain new momentum as we explore the collective’s feed, where we encounter a series of images that allow for new connections with Tavares’ book.

Keywords: Expansion. *Atlas of the body and imagination*. Instagram. Photography. Gonçalo M. Tavares.

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. As mil e uma noites. In: BORGES, J. L. *Borges oral & Sete noites*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 123-139.
- GARRAMUÑO, F. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- HAYLES, N. K. *Literatura Eletrônica*: novos horizontes para o literário. São Paulo: Global/Fundação Universidade Passo Fundo, 2009.
- KIFFER, A. A escrita e o fora de si. In: KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. (org.). *Expansões contemporâneas*: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 47-68.
- KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. Apresentação. In: KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. (org.). *Expansões contemporâneas*: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 7-15.
- KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado. *Revista Gávea*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 87-93, 1984. Reedição disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.
- LUDMER, J. Literaturas pós-autônomas. *Sopro Panfleto Político-Cultural*, n. 20, p. 01-04, jan. 2010. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>. Acesso em: 10 set. 2022.
- MICHAELIS On-line. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lege>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- MIRANDA, W. M. Formas mutantes. In: KIFFER, A.; GARRAMUÑO, F. (org.). *Expansões contemporâneas*: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 135-152.
- MOREIRA, M. E. R. *Coleção, arquivo, biblioteca*: a literatura de Borges e Calvino. 2. ed. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2019.
- SÁ-CHAVES, I. *Atlas do corpo e da imaginação*. Teoria, fragmentos e imagens de Gonçalo M. Tavares: um texto, um olhar, uma leitura. Texto de apresentação da obra pronunciado na Universidade de Aveiro, em 18 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://portal.doc.ua.pt/opac/pdf.final.pdf>. Acesso em: 9 set. 2022.

TAVARES, G. M. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide: Caminho, 2013.

OS ESPACIALISTAS. *Diário do Espacialista II Série*. Número 2. 25 fev. 2011.

OS ESPACIALISTAS. *Diário do Espacialista I Série AA*. Número 2. 2 dez. 2012.

YOUNGBLOOD, G. *Expanded cinema*. New York: P. Dutton & Co., 1970.